

ma de Câmara, Igreja, Pelourinho, Fôro, dando estrutura legal ao núcleo em formação.

Washington Luís, no estudo que fêz sôbre a Capitania de São Vicente, não aceita a existência da vila de Piratininga de Martim Afonso de Sousa, dizendo que

“até agora não se sabe onde tal vila foi situada, ou mesmo se existiu”.

Além dos capítulos, Wilson Maia Fina nos dá três encartes nos quais localiza na planta os moradores, através dos inventários e testamentos e rica bibliografia.

E' autor ainda das seguintes obras: *Martim Afonso de Sousa e os primeiros povoadores de São Paulo*, publicada em 1963; *História do Desenvolvimento do Urbanismo na Cidade de São Paulo*, Edições da Sociedade “Amigos da Cidade de São Paulo”, n.o 18, 1961; *São Thomé, Padroeiro dos Arquitetos*, publicado em 1964 e *Paço Municipal de São Paulo*, publicado em agôsto de 1961.

JOSUE' CALLANDER DOS REIS

*

* *

POWELSON (John P.). — *Latin America: today's economic and social revolution*. McGraw-Hill, New York, 1964, 303 págs., US\$ 9.00.

A contenda ideológica entre capitalismo e socialismo continua. O alvo das atenções no momento é a América Latina. As interrogações a seu respeito são múltiplas: Quais suas tendências ideológicas? Para onde caminha impulsionada pela estrutura econômica e social? Qual o caráter das relações que mantém com os E.U.A.? Estão em fase de deterioração? Que fazer no sentido de reestretá-las? Há, realmente, inclinação para o socialismo? Quais os focos de manifestações mais veementes? Que fazer para extirpá-los?

Êste livro é uma tentativa de resposta a estas questões. Toma por base explicativa o estado atual da estrutura econômica e social, tanto dos E.U.A. quanto da América Latina. Procura detectar e explicar os pontos principais de fricção política entre estas duas regiões. Apontar as diretrizes para reformulação da política exterior dos E.U.A., capaz de estancar o processo de esfriamento das relações entre ambos, condicionantes da inclinação latina à órbita de influência socialista.

O problema central, pois, se refere ao caráter das relações entre os E.U.A. e a América Latina. O Autor assim se expressa a respeito:

“Are interests of Latin America and the United States really in conflict, and do economists unconsciously rationalize those of their own country into “immutable laws”?”. (Pág. 10).

As informações sôbre a economia latina foram colhidas pelo Autor junto ao Centro de Estudos Monetários Latino-Americanos, do Inter-American De-

velopment Bank, do International Monetary Fund; instituições das quais fez parte.

Foi exercendo o cargo de professor na Universidade de San Andres na Bolívia, onde esteve durante o ano de 1960, que o Autor hauriu dos estudantes as informações referentes à mentalidade econômica e política dos latinos. As idéias ventiladas pelos universitários bolivianos foram consideradas como válidas para toda América Latina, porque, segundo o Autor:

“I have heard the same opinions with much frequency elsewhere. The only difference is that other students did not write so many papers for me to cite”. (Pág. viii).

Indubitavelmente a técnica é cômoda, mas pouco rigorosa.

A análise dos problemas econômicos e sociais latinos é empreendida tomando-se dois grupos básicos como ponto de referência. Postulam opiniões diametralmente opostas e são rotulados genericamente *americanistas* e *socialistas*, como sói acontecer. O primeiro grupo é dito integrado por homens de negócios e estudantes. O segundo por estudantes de economia, direito e respectivos professores.

Qualquer individuo medianamente informado a respeito desses problemas percebe a extrema simplicidade desse enquadramento deturpador, incompatível com a realidade existente.

Esta observação é importante na medida em que confirma a assertiva feita acima a respeito da deficiência da técnica adotada para seleção do material.

Explicitamente, o Autor se propõe uma abordagem imparcial das questões já citadas, partindo das concepções esposadas pelos grupos denominados *americanistas* e *socialistas*. Em seguida, submete estas concepções a uma análise crítica, onde o partidarismo é notório. Identifica-se com as concepções americanistas e invectiva às contrárias. A imparcialidade colimada fenece ao longo da obra.

E' realmente muito difícil, quase impossível, empreender uma análise histórica com total isenção de ânimo. Principalmente se levarmos em consideração a atualidade dos problemas aliados a nacionalidade do observador, mais a importância transcendental da América Latina na corrida hegemônica internacional da qual os E.U.A. participam destacadamente. A parcialidade é compreensível mas não justificável.

O método da análise é generalizador. A estrutura econômica e social latina é apanhada de uma forma global. Isto é aceitável se atentarmos para a amplitude do tema e a limitação natural da obra. O que não deixa de criar alguns problemas de interpretação pela negligência sistemática dos fatos particulares. De qualquer forma o Autor denota conhecimento dos problemas econômicos que mais de perto se relacionam com os interesses americanos — preço de produtos primários, financiamento da produção, monopólio industrial e comercial, inflação, integração econômica.

Algumas simplificações implicam em grave deturpação da realidade histórica, como por exemplo, ao falar da organização da atividade agrária vazada na grande propriedade fundiária latina típica, a *hacienda*, caracteriza-a como conceitos próprios da economia feudal, notando-se mesmo certa preocupação analógica quando se refere a existência de obrigações recíprocas (*reciprocal obligations*) entre proprietário e empregado, ao denominar a casa central da propriedade *de menor house*, ao qualificar o administrador de *major domus*. Tal ex-

trapolação de conceitos é inaceitável tendo em vista as limitações impostas pelas variáveis tempo e espaço.

Ocorrem aqui e ali erros de conteúdo histórico. Alguns até de fatos assaz conhecidos, como por exemplo ao referir-se a evolução da economia açucareira afirma que

“when the dutch captured the city of Salvador in 1624, they learned the technique of the cultivation of the sugar”. (Pág. 139).

Os holandeses permaneceram apenas um ano em Salvador após sua captura em 1624. Esta estadia foi de tal forma precária — por terem ficado adstritos a área urbana da cidade coartados nos seus contactos com o interior pelo sistema de guerrilhas impôsto pelos locais — que praticamente tornou impossível um aprendizado técnico relacionado à cultura canavieira. E’ plausível que os holandeses tenham adquirido esta técnica e a transportado para os centros de produção antilhanos após longa estada no Brasil de 1630 a 1654, quando dominaram vasta área do nordeste em condições de relativa pacificidade.

A política econômica dos E.U.A. na América Latina merece um capítulo especial pela sua importância. Neste contexto ganha realce a Aliança para o Progresso, por representar exatamente a reformulação da conduta americana em relação aos latino-americanos. Considera o Autor que os grupos denominados *socialistas* têm-na atacado violentamente, apontando-a como nova forma de imperialismo econômico. Cita um trecho do artigo publicado na Bolívia por um estudante de Direito, que sintetiza o pensamento deste grupo, que diz ser

“The Alliance for Progress is but a cunning shift in the strategy of the United States. Your fundamental purpose is still economic domination in our hemisphere. But you do sense that a revolution is in the making and that is too strong to be quelled by the blunt weapons of the past. So your only recourse is to board it and dilute it from inside”. (Pág. 1).

Os *americanistas* consideram-na como uma política *realmente nova*, com muito de altruismo e política de boa vizinhança. O pensamento deste grupo é sintetizado por John Dreir, embaixador americano na Organização dos Estados Americanos, que, a propósito, assim se expressou:

“...the people of the hemisphere have begun to sense the deeper implications of the change in policy and attitude that is involved—a change of tidal character that may best be linked to that which, about thirty years ago, marked the transition from the United States policy of intervention in Latin America to the policy of the Good Neighbor”. (Pág. 2).

O Autor apóia *in totum* a argumentação americanista que vem comprovar seu sectarismo. Defende sua opinião com base histórica e ideológica. Faz um retrospecto histórico da evolução da política exterior americana, onde destaca duas fases bem distintas: a que precede a década de 1930 e a posterior a esta.

Na primeira fase, a política externa dos E.U.A. se consubstancia na intervenção pura e simples para assegurar os investimentos de capital nos setores mais rendosos da economia latino-americana. Está, pois, nesta fase, totalmente prejudicada a intervenção com fins puramente políticos, na medida em que o socialismo

se ativera à Europa sem fazer qualquer progresso na América Latina. Se intervenção política houve, houve com fins exclusivamente econômicos.

Após 1930, contudo, o problema ganha nova coloração, de tal sorte intensa que justifica a demarcação de uma nova fase. Os fatores dessa mudança são encontráveis nas mutações econômicas e sociais nos E.U.A. resultantes da primeira guerra mundial. Este conflito possibilitou a intervenção gradual do Estado na economia americana com reflexos imediatos na mentalidade econômica liberal e anti-intervencionista. No plano externo, o surgimento do primeiro Estado socialista na América, Cuba, foi fator decisivo na mudança da política exterior americana em relação aos Estados Unidos. Agora os objetivos são duplos: preservar os interesses econômicos e cercear a inoculação político-ideológica socialista na América Latina. Há identificação perfeita entre estes dois objetivos. Um é complemento do outro.

Aí está para Powelson o sentido da Aliança para o Progresso; um instrumento da nova política exterior americana que engloba, no momento, dois objetivos fundamentais: intangibilidade dos interesses econômicos e imunização contra o vírus do comunismo. Senão vejamos:

"The United States did not recognize the moral obligations that the rise to the Alliance for Progress until the domestic counterpart of each of the points in the Alliance had been carefully and elaborately fashioned over a period of three decades. But there were certain impulses—world-shaking events such as the cold war and the Cuban Revolution—, that caused the conscience and political awareness of the United States to spill into the international field in seeming sudden fashion". (Pág. 298).

A justificativa do comportamento político dos E.U.A. em relação a América Latina é efetuada em termos de nível de desenvolvimento econômico, social e político. Estas diferenças são explicadas pelo Autor em função de múltiplos fatores, os quais sejam: geográficos, localização e recursos naturais; humanos, formação étnica e cultural; mas, acima de tudo, a questão é elucidável em termos de ética capitalista, ou seja, enquanto na América Latina se caracteriza pelo individualismo, na qual o homem ultrapassa os limites da decência em função de seus interesses pessoais, na América do Norte se caracteriza pelo ideal de progresso, na qual cada membro do corpo social contribui para o bem-estar da sociedade em que vive.

Ainda mais, as diferenças na evolução do capitalismo entre as duas regiões foi acompanhada pela formação de diferentes valores de justiça social. Por exemplo, na América Latina onde a riqueza era conseguida pela força e por ela mantida, o pobre não tinha culpa da situação em que se achava. Em contraposição, nos E.U.A., onde a riqueza é atribuída primariamente à produção, a pobreza é reconhecida como omissão do pobre e não como opressão do rico. Não existe uma moralidade universal, e portanto, os dois conceitos de justiça social teriam que se chocar quando entrassem em contacto mais estreito.

Denotando estreita vinculação com a ética capitalista predominante nos E.U.A., o Autor explica os problemas latinos em função da incapacidade intrínseca para solvê-los, e além disto, considera que lamúrias, tentativa de jogar sôbre outrém a culpa que é somente sua, desagrada profundamente aos americanos por contrariar frontalmente sua ética de vida. Textualmente, assim se expressa a respeito:

"It was no fault — of american businessmen — if Latin American politicians were corrupt. If officials could be bribed. To them the Latin American peasant did not control the government, that was his fault, and to him befell the consequences. If he did not himself extract the minerals, then they were forfeit for it was "wicked" to leave them unused. Minerals wealth belonged to those with the genius to find it, the inventive ness and capital to take it out of the ground, and the means to buy it from whatever sovereign had power over the land". (Págs. 293-294).

Sem sombra de dúvida, é uma perfeita expressão do moderno imperialismo americano.

No plano da superestrutura política, há ainda uma diferença capaz de explicitar o porquê das diferenças entre americanos do norte e latinos. Estes são tendentes à intervencionismo estatal e coletivismo, ao passo que aquêles tendem ao liberalismo. Esta queda para o coletivismo é vista, agora, com maior benevolência pelos americanos, que estão, na opinião do Autor, aprendendo a respeitar o pensamento político e econômico dos povos cuja riqueza material não é tão grande quanto a sua.

As soluções dadas para as várias questões propostas na introdução da obra são pouco satisfatórias, especialmente, no que concerne, a interrogação central a respeito dos interesses possivelmente conflitantes entre os E.U.A. e a América Latina.

Somos induzidos, portanto, a inferir que o objetivo, talvez inconsciente, era realmente outro, pois, no transcorrer de toda exposição transcende a preocupação constante de explicar, justificando, o porquê da política exterior americana na América Latina, num camuflado propósito de diminuir distâncias dinamizando relações.

A cada passo eclode um ataque, nem sempre velado, ao resistema socialista.

Do todo exposto, conclui-se estar o problema sócio-econômico latino-americano inserido no amplo contexto da corrida ideológica e hegemônica internacional, ou seja, a guerra fria.

JOBSON DE ANDRADE ARRUDA